

# Médicos e pacientes – uma via de mão dupla

Em comemoração ao Dia do Médico, celebrado 18 de outubro, a cardiologista e professora do programa de pós-graduação da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Dra. Marta Silva Menezes, propõe uma reflexão sobre o local que o médico ocupa na sociedade. Confira!

CONTEÚDO HOMOLOGADO  **BAHIANA**  
ESCOLA DE MEDICINA E SAÚDE PÚBLICA

Se perguntarmos aos médicos e estudantes de medicina por que resolveram se tornar médicos, a principal resposta será: “por vocação” e “desejo de ajudar o outro”. É algo fluido e abstrato, mas que todos entendem, independentemente de serem médicos ou não. É sinônimo de dedicação, relação de acolhimento, ter alguém em quem se possa confiar a alma, o corpo e de quem se espera competência. É uma relação de profunda cumplicidade e proximidade.



A percepção do limite entre a “vocação sacerdotal” e as necessidades humanas do profissional médico é complexa para ambas as partes. O médico tem o conflito entre as suas necessidades pessoais, exacerbadas pela sociedade de consumo, e o cumprimento de sua vocação. Por outro lado, a população tem dificuldade de entender essas necessidades, o que é agravado pela intermediação de tomadores e vendedores de serviços de saúde.

Quando a relação de prestação e serviço se dava entre médico e paciente, era mais clara e talvez menos conflituosa. Outros fatores também estão envolvidos nessa delicada equação, como a velocidade imposta pelo advento de novas tecnologias em saúde. Novas possibilidades de diagnóstico e tratamento obrigam a constante busca de aperfeiçoamento e especialização, muitas vezes excessiva, e que tornam o “cuidar da saúde” algo de elevado custo. Alia-se ainda o temor do profissional, quando, não tendo utilizado todos os recursos necessários para determinado tratamento, ser penalizado por isso.

Cria-se então a cultura, também incorporada pela população, da necessidade de uso desses recursos e a busca de forma desordenada pelas novas tecnologias, como se as tradicionais não mais tivessem lugar. Sabe-se que a grande maioria das situações de controle de saúde não são obrigatoriamente complexas, porém a visão segmentada da especialidade, embora atenda à complexidade do caso específico, compromete a visão do paciente como um todo. Os “clientes” pagam o seu plano de saúde ou impostos, em serviços privados ou públicos, e desejam exames e serviços especializados, o que é reforçado pela mídia. Os médicos atuam por produção, com valores determinados por tomadores de serviço. Por um lado, tomadores de serviços pagam pouco por procedimentos, por acreditarem ser este um limitador de gasto. Por outro, por receberem valores subestimados, os profissionais tendem a realizar mais procedimentos e, conseqüentemente, dedicam menor tempo ao seu paciente. Muitas vezes o paciente não é devidamente ouvido, o exame físico é realizado rapidamente e exames, que deveriam ser complementares, são solicitados para suprir a falta de tempo, criando uma roda-viva que afasta cada vez mais o médico do seu paciente. O paciente já busca por conta própria os especialistas, a figura do clínico, responsável pelo cuidado, tende a desaparecer. Não é incomum pacientes chegarem ao consultório dizendo que já estiveram com o seu cardiologista, pneumologista, o endocrinologista, oftalmologista, ginecologista, mastologista etc. e que, ainda assim, se sentem perdidos.

*"Muitas vezes o paciente não é devidamente ouvido, o exame físico é realizado rapidamente e exames, que deveriam ser complementares, são solicitados para suprir a falta de tempo, criando uma roda-viva que afasta cada vez mais o médico do seu paciente."*

Resultado, médico exausto e desmotivado, não foi isso que ele esperava em seus sonhos profissionais, o paciente visto de forma fragmentada, também descontente.

Alguém pode estar lucrando com essa caótica situação, certamente não o médico nem o seu paciente.

Os avanços na medicina são muito bem-vindos, o adequado uso de recursos tem propiciado melhor qualidade de vida e, também, maior sobrevida. É essencial o seu uso adequado, não determinado por regulamentos, glosas, auditores, mas decidido pelo profissional capacitado, adequadamente remunerado, com visão generalista, em comum acordo com o seu paciente.

Talvez a solução do caos que a saúde está vivenciando no Brasil possa ser resolvida, porém envolve a ativa participação de seus atores principais, o Estado, a sociedade e os médicos. Sem dúvida, serão necessárias, entre outras iniciativas, estratégias para distribuição e fixação de profissionais, resgate da formação generalista nas escolas médicas e formação de profissionais em número adequado às necessidades da população. Certamente inundar o mercado de médicos, buscando a saturação sem qualidade, não é uma solução adequada.

Dar ao médico a oportunidade de exercer a sua vocação, de forma digna, e ajudar a formar novos médicos com esse mesmo espírito, aliado a uma estrutura justa, que propicie adequada condição de trabalho e que permita livre acesso a serviços saúde de boa qualidade é, certamente, um sonho a ser alcançado, o que depende da efetiva participação de todos.

Fonte: iSaúde Bahia

<http://www.isaudebahia.com.br/noticias/detalhe/noticia/medicos-e-pacientes-uma-via-de-mao-dupla/>